Uma excursão ao noroeste de Minas Geraes

Conferencia realisada na Sociedade de Geographia, em 20 de Novembro de 1915, pelo Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires

Em uma das ultimas sessões da Directoria e do Conselho Director de nossa Sociedade de Geographia, lembrámos a conveniencia de nos reunirmos mais frequentemente os membros da Sociedade, para palestrar sobre assumptos referentes a geographia e narrar uns aos outros os episodios das nossas viagens pelo interior, muitas vezes desconhecido, de nosso extenso paiz.

Nas interessantissimas conferencias, realisadas ultimamente pelo Coronel Rondon, despertaram attenção não só as descripções magistralmente feitas de accidentes geographicos do sólo brasileiro, como aspectos da vida e dos costumes das populações do sertão ignoto, com que se pôz em contacto a commissão de que é chefe.

Ora, todos nós, membros da Sociedade de Geographia temos, mais ou menos, viajado pelo interlor do Brasil; e como são ainda pouco conhecidos os accidentes territoriaes e a vida que passam os habitantes das differentes zonas de nossa terra, não é demais que refiramos uns aos outros o que cada um de nós observon e viu, porque, por mais banal que pareça a nossa narração, talvez se encontre nella alguma cousa de util para o completo conhecimento do Brasil, que é o principal escôpo de nossa Sociedade.

Tendo sido eu dos mais enthusiastas por essa idéa, deram-me os companheiros, presentes áquella reunião, a incumbencia de iniciar as palestras geographicas de nossa Sociedade; e isto justifica a minha presença aqui, não para fazer um discurso, nem tão pouco uma conferencia, mas apenas para relatar, em palestra desataviada, alguma cousa de viagens que tenho feito.

Escolhi, de preferencia, o trecho de uma excursão que realisei, na parte noroeste da então Provincia de Minas Geraes, para estudar, a mando da Escola de Minas, os depositos diamantinos daquella zona, sobre os quaes eram então muito escassas as noticias que tinhamos.

Na região que percorri, ha uma zona pouco conhecida sob o ponto de vista geographico, comprehendida entre os rios Abaeté e Paracatú e sobre a qual vou referir o que observei, soccorrendo-me mais da memoria do que de apontamentos então tomados.

Logo que conclui meu curso academico na Escola de Minas de Ouro Preto, fui convidado para ajudante do meu antigo professor o Dr. Armand de Bouvet, que dirigiu uma exploração de diamantes na mina do «Portão de Ferro», nas proximidades da cidade de Diamantina, em Minas Geraes.

Terminado, pouco tempo depois, esse serviço, o meu sabio mestre, Dr. Henrique Gorceix, então director da Escola de Minas, aproveitando a circumstancia de me haver eu familiarisado com os mineraes que acompanham o diamante nas suas jazidas alluviaes, deu-me a incumbencia de ir vêr as jazidas diamantinas do rio Abaeté e seus affluentes, situadas num sertão quasi desconhecido, desprovido de meios faceis de communicação e das quaes a Escola de Minas não possuia nem amostras mineraes, nem informações economicas.

Aquella zona, por sua pequena importancia talvez, escapara ao estudo dos naturalistas estrangeiros que percorreram Minas Geraes nos seculos 18 e 19; e, na Escola de Minas, só conheciamos uma ligeira informação sobre os mineraes

que ali acompanham o diamante, que foi publicada por Mr. Damour no *Bulletin de la Societé de Geologie de France*, tomo XIII, 2ª serie, 1855-1856.

O meu sabio mestre Dr. Gorceix não poude mesmo detalhar instrucções para o meu estudo, porque, até sob o aspecto geographico, a zona era muito escassamente conhecida.

Tal era a imperfeição de taes conhecimentos que elle me recommendára muito especialmente o estudo da «Serra do Espirito Santo», que figurava nos mappas como sendo o divisor das aguas dos rios das Velhas e São Francisco, mandando que eu determinasse a sua maior altitude, a natureza das rochas de que se compunha, a inclinação e direcção de suas camadas; e... entretanto, o divisor das aguas daquellas duas grandes bacias era um extenso planalto; e eu teria atravessado a linha divisoria sem sentir, si não estivesse vigilante e suspeitoso, desde que notei mudanças bruscas na natureza do terreno.

Sem estradas, sem serras no horisonte, seguindo uma direcção que me parecia levar ás aguas do rio São Francisco, cujo curso era convergente para o rio das Velhas, em cuja bacia eu me achava, tomei a deliberação de subir o curso de um dos affluentes deste até vel-o adelgaçar-se e desapparecer num grottão, não tendo na minha frente senão o planalto intermino, sem a menor sombra de montanha. Proseguindo na mesma direcção, encontrei, no dia seguinte, um regato que corria no sentido de minha róta, e, acompanhando-o, vi que o terreno descia lentamente e que o ribeiro se avolumava até despejar-se nas aguas do São Francisco. Tinha, portanto, atravessado o divisor das aguas, sem encontrar a serra que figurava tão negramente nos mappas da Provincia!

No meu regresso, passando por ponto differente, constatei a existencia do mesmo planalto, fazendo a divisão das duas vertentes.

Tendo sahido, a cavallo, desde Ouro Preto, pois na-

quella época não havia outro meio de transporte, segui as estradas geraes até Curvello, ultimo ponto do meu itinerario de indicação precisa. Nesse trajecto, passei pela zona calcarea do rio das Velhas, onde dormem centenas, senão milhares de cavernas, com feitios e fórmas differentes; algumas de aspecto phantastico, como si o seu conjuncto formasse uma grande cidade mysteriosa, soterrada pelos tempos, com magestosos palacios encantados, antiga moradia de cyclopes, possantes obreiros da grande revolução geologica por que passaram os sitios circumvisinhos, reduzida hoje a triste e abandonada necropole, que guarda, no silencio de suas trevas, os restos fossilificados das especies animaes extinctas, que enchem aquelles sitios, e sobre os quaes vamos, em nossos dias, assentando o estudo da paleontologia brasileira.

Alli residiu, durante mais da metade de sua existencia e falleceu aos **80** annos de idade, o grande naturalista dinamarquez Dr. Lund, que preferia aos attractivos da sua culta patria aquelles sitios onde, dizia elle, escrevendo a um amigo em **1848**: «não posso negar, porém, que neste momento tão poucos attractivos tem para mim a Europa que me sinto infinitamente feliz por poder deixar-me ficar tranquillo no meu canto e entregar-me ao *Beata ruris otia*».

Não se entregou elle, porém, ao descanço que preconisava; sua vida foi laboriosissima e toda dedicada aos interesses da Sciencia.

Na sua longa permanencia naquella zona, dedicou-se o dr. Lund apaixonadamente ao estudo, até então nunca tentado, da faúna extincta do planalto central de Minas Geraes, lançando assim o primeiro raio de luz vivissimo sobre a paleontologia de nossa patria.

O dr. Lund escolhera para sua residencia a Lagôa Santa, aprazivel sitio, cujo nome o grande naturalista havia de tornar celebre e que offerecia a seu estudo innumeras vantagens, como se exprimiu sobre elle outro sabio, o dr. Gorceix, o qual o descreveu nestes termos: «E' situado o arraial nas

margens de uma lagôa que lhe deu o nome, no meio de um planalto cujas fraldas se inclinam levemente para o rio das Velhas, do qual dista apenas alguns kilometros. A cidade mais visinha é a de Santa Luzia, que fica, mais ou menos, duas leguas ao sul. Em seus arredores estendem-se ao longe as campinas, formando uma verdadeira chapada com suas moitas de arvores, rochas calcareas e numerosas lagôas. E' a esses reservatorios naturaes, onde as aguas se reunem e se escôam por canaes subterraneos, tanto quanto ás massas de calcareo em fórma de muralhas e aos prados que as circumdam, que deve essa região o seu especial caracter pittoresco. A admiração de Lund por estas bellezas naturaes se manifesta sempre que lhes consagra algumas linhas».

Não era menor a admiração de Gorceix por aquelles sitios, e vale a pena continuar a descripção por elle feita:

«O clima deste planalto é secco e temperado, e analogo o seu inverno á temperatura de certas regiões privilegiadas do sul da Europa. Afastados dos grandes centros de população, collocados nas visinhanças de rios abundantes de peixe, em sólo de extraordinaria fertilidade, os habitantes obtêm da terra, quasi sem esforço, o pouco que ella deve fornecer-lhes á subsistencia. A facilidade com que vivem, no meio de uma natureza tão clemente, dá aos costumes esse caracter de affabilidade, da qual a franca hospitalidade dos habitantes do sertão é uma das manifestações mais conhecidas e apreciadas pelos exploradores. Quando o viajante chega á Lagôa Santa, ao pôr do sol, no momento em que a chapada é banhada por essa luz suave que os olhos podem impunemente admirar; quando já cessaram os rumores do dia, e os da noite ainda não se fizeram sentir, á vista da serena tranquilidade daquelle pequeno arraial, sente-se penetrado o espirito do desejo de ali ficar e de, no meio daquella paz e daquella vida facil, esquecer para sempre que existe outro mundo cheio de penas, de odios e de luctas implacaveis, para a satisfação de necessidades ficticias, de ambições e de vaidades».

Apesar de meus vinte e quatro annos apenas de idade, (*eheu, fugaces labuntur anni!*) e, embora não conhecesse ainda esse outro mundo cheio de penas, de odios, de luctas, de ambições e de vaidades, de que fallava o meu sabio mestre, tive tambem o desejo de alli ficar, de fruir os doces effluvios daquelle ambiente tranquillo, tão propicio ao estudo e ao descanço. Mas, nas instrucções que me deu, o Dr. Gorceix recommendou-me que visitasse as grutas que estivessem em exploração para o salitre, com o objectivo de descobrir algum fossil, evitando, porém, entrar em grutas por onde o Dr. Lund tivesse andado porque elle as havia despojado de tudo que continham, referente á faúna extincta. De modo que tinha eu a prohibição expressa de visitar as caveruas existentes nos arredores da Lagôa Santa, e tive de procurar outras, mais distantes, descobertas depois da morte do grande sabio.

A mais interessante das cavernas que visitei então foi a da Lagôa Feia.

Sobre ella me exprimi do seguinte modo, no relatorio que apresentei ao Dr. Gorceix sobre essa excursão e que foi publicado nos *Annaes da Escola de Minas de Ouro Preto*, volume IV, — 1885:

«A Lapa da Lagôa Feia era a unica que nesse tempo estava em exploração salitrosa. A entrada dessa gruta é alta, em rochedo escarpado. Visitei todos os salões e varandas desentulhados pela exploração. As estalactites e as fórmas caprichosas das paredes davam-lhe o mesmo aspecto fascinador das outras grutas (as da Canhanga e da Cerca Grande, a que já me havia referido). Seus salões inferiores são occupados, em todas as estações, pelas aguas tranquillas, cujo negro e morto aspecto justifica o nome que lhe dão. No principio da exploração, os trabalhadores encontraram ossadas completas e gigantescas, ossos esparsos e enterrados no calcareo; hoje poucos se encontram, etc.«

E mais tarde, numa memoria sobre SPELEOLOGIA BRASILEIRA, que apresentei ao Segundo Congresso Brasileiro de Geographia, realisado em São Paulo, accrescentei:

«Esta Lapa da Lagôa Feia é um archivo geologico que está se enchendo de documentos á nossa vista. As aguas tranquillas ou o lago que occupa a sua parte inferior, é um deposito de ossos, troncos, folhas e fructos, carregados pelas enxurradas e depositados no meio de outros detrictos, onde a acção das aguas calcareas os vae fossilificando, endurecendo, transformando em rochas, para que os geologos e archeologos no futuro, daqui a dezenas de seculos talvez, possam estudar as especies animaes e vegetaes com que estavamos convivendo hoje. Essa observação me veio á mente, quando me achava dentro daquella gruta, deante do aspecto sombrio e severo daquellas aguas dormentes por baixo de meus pés e que eu entrevia nas frinchas e nos grandes orificios que o sólo da gruta apresentava. E, como naquella época já sonhasse com o ideal republicano e tinha esperança de que o Brasil seria, mais ou menos proximamente, uma grande Republica, quiz intrigar os geologos do futuro, atirando no fundo daquella lagôa, para que ficassem archivadas nas impressões das rochas em formação, todas as moedas de cobre e de nickel que trasia commigo e tinham, naquella época, as armas imperiaes.»

Effectivamente, si hoje, que duzentos e setenta e cinco annos apenas nos separam do dominio dos Philippes, em Portugal, poucos são os brasileiros que se lembram de que fomos colonia hespanhola durante sessenta annos, o que dirão daqui a uns 20 seculos, por exemplo, os que encontrarem as impressões das armas imperiaes, que demonstram termos sido uma monarchia por menos de 70 annos?

Mas, deixemos estas digressões que o itinerario da minha viagem está despertando e vamos á zona, além S. Francisco, banhada pelas aguas do rio Abaeté, sobre a qual desejo vos entreter por alguns minutos ainda.

As jazidas diamantinas daquella zona foram descobertas por garimpeiros foragidos da «Demarcação Diamantina», da comarca do Serro do Frio e que se embrenharam pelos

sertões desconhecidos, para fugir ás perseguições das autoridades da Metropole, que não lhes davam tréguas.

Desde 1785, chegaram ao Tijuco, hoje Diamantina, noticias daquellas descobertas; as autoridades incumbidas de zelar o patrimonio regio trataram desde logo de mandar estudal-os e deram inicio á sua exploração regular, não só porque lhes pareceu conveniente, como principalmente para expulsar daquelles sitios os quilombolas e garimpeiros que ali se haviam homisiado e viviam tranquillos no seu aventureiro labor.

As riquezas daquella zona, em diamantes, ouro, prata e outros metaes preciosos que o povo não distinguia bem, foram levadas ao conhecimento do governador da Capitania, D. Bernardo José de Lorena, em 1700, pelo afamado garimpeiro Isidoro, que as denunciou como sendo de grande proveito ao erario do Rei, de quem elle se reputava vassallo e era escravo.

Izidoro é um typo lendario de garimpeiro, muito conhecido em Diamantina, onde até hoje é lembrada, com carinho, a sua memoria, não só pela vida aventureira que teve, como principalmente por sua morte tragica, occorrida ha pouco mais de um seculo.

Vale a pena lembrar alguns traços deste valente sertanista, cuja coragem era apenas igualada pela grandeza do seu coração bondoso e do seu caracter magnanimo, norteado sempre para a causa da justiça. Era elle um pardo intelligente e audaz, que foi escravo de um certo frei Rangel, o qual, esquecido da sua elevada missão espiritual, procurava reunir a maior cópia de bens materiaes, atirando-se aos azares da mineração clandestina de diamantes, *nefando crime* que era punido com os mais severos e inclementes castigos. Isidoro tornou-se, por isso, não só um mineiro habilissimo, como sagaz, burlando sempre a vigilancia incessante dos *pedrestes* que patrulhavam e esquadrinhavam os mais reconditos esconderijos das serranias e das valladas. Frei Rangel, porém, foi

denunciado como contrabandista de diamantes; e não se fizeram esperar os castigos determinados no *Livro da Capa Verde*, que era o codigo draconiano que regia a vida daquelles pobres e desamparados mineiros. Frei Rangel foi despejado para fóra da Comarca e todos os seus bens confiscados em beneficio do érario régio, inclusive Isidoro, que passou a ser escravo do rei.

Como tal, foi elle trabalhar nos serviços da Real Extracção Diamantina como galé, cheio de correntes de ferro e ligado por ellas a outros companheiros. De genio altivo e independente, não se resignou elle com aquella situação de calceta e promoveu a sua fuga e de seus companheiros, pondo fogo, á noite, nas rancharias onde dormiam e atirando-se ao rio, que atravessaram a nado, apezar das descargas de fuzilaria que sobre elles fizeram os *pedrestes*. Dahi em diante seguiu Isidoro a vida aventureira de garimpeiro, organisando quilombos de que era chefe e offerecendo lucta, sempre victoriosa, aos esbirros do rei, todas as vezes que tentavam perseguil-o.

Resolveu depois deixar a «Demarcação Diamantina» e internar-se, com o seu povo, pelo sertão desconhecido, indo ter á zona banhada pelos rios Paracatú e seus affluentes; e depois desceu para o Abaeté, afim de se occultar melhor da vigilancia dos *pedrestes;* e ali descobriu as jazidas de diamantes, de ouro e de outros metaes que não conhecia bem.

Resolveu Isidoro levar ao governador da Capitania a noticia de suas descobertas, não para mendigar o perdão da vida de quilombola que tinha, e que continuou a exercer, mas por um impulso generoso de escravo e de vassallo que promovia o bem de seu rei e de seu amo. Emprehendeu assim uma viagem a Villa Rica, hoje Ouro Preto, atravessando mattas e serras, sem caminho e vadeando rios caudalosos sem pontes.

Não foi sem custo, porém, que se fez acreditar por D. Bernardo José de Lorena das narrações que elle fez e das

respostas ás suas indagações; mas, para demonstrar praticamente a verdade de seus assertos, tirou do bolso de seu gibão de baeta azul ferrete punhados de diamantes e de pepitas de ouro que deixou sobre a mesa do governador.

Deante de tão bella demonstração, D. Bernardo prometteu mandar pessôa competente examinar aquellas riquezas, desde que Izidoro lhe servisse de guia.

Feito este pacto, Izidoro voltou ao seio de seus companheiros, deixando uma vedeta na confluencia do rio Paraopeba com o S. Francisco, para lhe avisar da chegada do emissario de D. Bernardo; e este transmittiu a valiosa communicação para Lisboa e obteve permissão para enviar áquella zona o Doutor José Vieira Couto, illustre naturalista, residente no Tijuco, hoje Diamantina, que para lá seguiu acompanhado por uma escolta, á procura de Izidoro.

Levado por este aos pontos onde dormiam as riquezas descobertas, o dr. Couto estudou minuciosamente aquella zona, que, em homenagem ao seu amigo, denominou *Nova Lorena do Abaeté*; e escreveu sobre ella uma memoria, no anno de 1800, da qual o nosso Instituto Historico possue o original ou cópia, que serviu de base a uma publicação feita em 1842, atravéz da qual conhecemos estes detalhes.

Foi esta zona que percorri na minha excursão scientifica. Palmilhei, por muitas leguas, o roteiro do Dr. Couto e vi, quasi no mesmo estado primitivo, algumas jazidas por elle descriptas.

Mas, não é meu intuito fazer as pessoas, que me honram com a sua attenção, percorrer toda aquella, quasi deserta, zona sertaneja, embora cheia de encantos, que levaram o espirito do Dr. Couto a librar-se nas espheras azues da poesia, quando, referindo-se a um sabiá que o accordava pelas manhãs com o seu canto, escreveu o seguinte: «Não só as duras pedras e os criminosos metaes terão referencia nesta memoria; tú tambem, canoro habitante destas selvas, o terás; e si os céos ouvirem os meus votos longos e felizes serão os

teus dias, — tanto te agradeci o teu canto e a tua visita.»

A zona que parece quasi desconhecida, sob o aspecto geopraphico e sobre a qual vou me deter mais particularmente é a que se estende entre os rios Abaeté, ao sul, e o Paracatú, ao norte, abrangendo as vertentes dos rios Santo Antonio da Agua Fria, Somno e Cannabrava, todos tributarios do Paracatú e, por meio deste, do S. Francisco.

Atravessei o S. Francisco, em canôa, na passagem da Cachoeira Grande, que fica a 18 kilometros abaixo da barra do rio Borrachudo e a 25 kilometros acima da do Abaeté. Margeei este, dos dois lados, desde a sua confluencia no S. Francisco, ate á Cachoeira do Salto, a uns 40 kilometros de distancia, examinando as antigas explorações de seus affluentes, e me detendo particularmente em uma que se fazia nas proximidades do povoado de Nova Lorena.

Entrei depois na bacia do rio Paracatú, pelo valle do Santo Antonio da Agua Fria.

Havia tres dias tinha deixado o Abaeté, que atravessei no váo da cachoeira do Salto, a 12 kilometros acima de Nova Lorena; mas só abandonei suas aguas depois de haver transposto os ribeirões do Frade e das Canôas, ambos seus affluentes da margem esquerda e que nelle desembocam, com grande volume de aguas, não muito distante um do outro.

Um monte escarpado, cujo cimo está a 210 metros mais alto que o váo do Salto, divide as aguas desses dois ribeirões; depois prolonga-se e alarga-se este planalto, entre os dois valles, que seguem rumos divergentes, deixando livre um vasto horisonte, orlado por longinquas montanhas, que escoltam o Abaeté até levar elle o tributo de suas aguas ao S. Francisco.

Este planalto vae encontrar o divisor de aguas do Paracatú, sempre coberto da vegetação dos *serrados*, no meio dos quaes abrem-se ás vezes *veredas*, de onde nascem os primeiros filetes liquidos que se dirigem para uma ou para outra bacia. As *veredas* são charcos ou paúes, ás vezes de grandes dimensões, cobertos de um tapete de gramineas, sempre verdes, onde não se pode pene-

trar, em virtude da inconsistencia do terreno, que é geralmente turfoso e alagadiço. No meio dellas nascem palmeiras isoladas de buritys, que abrem o leque abundante de suas folhas para proteger seus cachos gigantescos e artisticos. As *veredas* dão a impressão de um oasis de doce verdura no meio dos chapadões cobertos de vegetação enfezada, dura e suja, dos serrados. Parecem ser os restos dos grandes lagos que cobriam o planalto mineiro nos primeiros tempos do periodo quaternario.

Tendo passado pela pequena povoação da Verêda do Camillo, encontrei Canôas que poderá ter uma dezena de casas e pouco mais de 60 habitantes.

Dahi tomei direcção de S. O., procurando Canoinhas, fóra da estrada, mas onde eu necessitava examinar uns mineraes, cujas amostras interessavam o objecto de minha excursão.

Achava-me então completamente fóra do valle do Abaeté; e o planalto que servia de divisor das aguas foi-se transformando em ondulações, que, descendo para o rio Santo Antonio, succediam-se umas ás outras, já despidas das arvores caracteristicas dos serrados.

O panorama que a natureza offerecia, nesse trajecto, era monotono e quasi sem interesse. A estrada era coberta de saibros espalhados em chão ferruginoso e toucado por grammineas enfezadas e rasteiras, povoadas de pequenos orthopteros saltatrizes, que fugiam trilando ao tropél das cavalgaduras. Rarissimos ranchos, com paredes apenas barreadas e cobertos de palha tosca, por cima da qual tenue fumo esvoaçava, eram os unicos indicios de vida humana naquella solidão.

A' medida que se approximavam, porém, as margens do Santo Antonio, este aspecto se transformava: moitas de arvores incultas, mais ou menos compactas, manchavam as valladas verdes que desciam do sopé dos montes, para irem morrer nas brancas praias que o remanso do rio formava e onde sorneiro ruminava o gado que enchia de vida aquellas paragens. O ambiente trescalava perfumes que vinham das flores de longinquas toiceiras de arvores, por entre as quaes marulhavam pequenos tributa-

rios, que levavam modestamente seus delicados fios crystalinos para augmentar o volume das aguas do rio Santo Antonio. Pelo ar errava, trazido pela viração, o intercadente rumor de afastadas cachoeiras semelhando um canto selvagem de córos mysteriosos, que as anfractuosidades do rio occultavam dos curiosos olhos do viajante.

Os animaes caminhavam lentamente, descendo o trilho pedregoso que seguia, pelo trajecto menos incommodo, até as margens do rio. Sem sombra protectora, eram inclementes os raios directos do sol; e o enervante mormaço que tudo envolvia parecia estimular uma nuvem importuna de mutucas, que nos acompanhavam, sugando sem piedade as ancas e as orelhas das miseras cavalgaduras, que gottejavam sangue.

Depois de transpostos os corregos Sucuriú e Catingueiro, que são affluentes do Santo Antonio, encontra-se o da Fortuna, em cuja margem jazem montões de pedras já ennegrecidas pelo tempo e restos quasi apagados de uma grande construcção que os annos destruiram. Eram os vestigios das primeiras explorações diamantinas ali feitas, havia mais de um seculo, e os de um antigo quartel de milicianos a cavallo, que guardavam aquelles thesouros do rei contra os audazes garimpeiros que sempre infestaram essas paragens.

Passa-se depois pela pequena povoação da Malhada e se atravessa o pequeno corrego Jatahy, que tem, como os outros dessa zona, o leito coalhado de seixos burnidos pelo rolamento das aguas e que os mineradores de Diamantina appellidam *pororucas*.

Encontrando ahi a estrada regular, que ia ter ao arraial de Santo Antonio, destaquei um de meus camaradas, para seguir mais apressado e levar ao velho Domiciano, ali residente, um cartão meu, em que lhe pedia arranjasse uma casa para me abrigar nos poucos dias que tencionava permanecer no arraial.

De modo que, só ao cahir da tarde, depois de haver passado os corregos das Marrecas e das Contendas, pude divisar na orla do horisonte a vegetação espessa, onde branquejavam

casinhas humildes e que era o arraial de Santo Antonio de Agua Fria, que procurava.

A ultima parte dessa jornada foi feita numa tarde soberba, em que o frescor da brisa ia aos poucos precedendo á noite, emquanto o crepusculo expirava lentamente num leito de nuvens avermelhadas, ao som de gorgeios de passaros e do cantar das cachoeiras.

Já era noite fechada quando, ao penetrar num bosque sombrio, dentro do qual havia manchas mais escuras, das quaes sahiam vozes e escapavam fios de luz, encontrei dois cavalleiros que me saudavam pelo nome: — eram o meu portador e um filho de Domiciano, que tinham ido ao meu encontro para me conduzirem á casinhola que me estava destinada.

O Domiciano era um velho, talvez o mais idoso de Santo Antonio de Agua Fria, um verdadeiro patriarcha local, que, melhor do que qualquer outro, conhecia a tradicção dos differentes sitios dos arredores, trabalhados pelos exploradores de diamantes.

Era elle natural de Diamantina, onde passou a infancia e bôa parte da mocidade, entregue exclusivamente aos serviços de mineração, nas faisqueiras que seu pae fizera em todo o Jequitinhonha e seus affluentes, desde as nascentes do Jequitinhonha do Campo, nas immediações do Milho Verde, até á Lagôa Secca, onde o rio, já volumoso, não permitte mais os serviços leves e temporarios dos faiscadores.

Domiciano, vindo para o Abaeté em 1842, epocha de *influencia dos descobertos*, alli continuou a residir até morrer.

Havia perto de quarenta annos que morava em Santo Antonio, onde constituiu familia e se desenvolveu a sua grande prole, a ponto de ser elle, se não o tronco, pelo menos entrelaçado por parentesco com toda a população local. Era um velho negro, polido, intelligente e serviçal. Elle tinha mandado a meu encontro o seu filho para dizer-me que alojara minha bagagem e comitiva em uma casa sua, mas que me esperava para jantar em sua casa.

O arraial de Santo Antonio de Agua Fria era muito original; elle estava em plena decadencia, com pouco mais de quarenta casas habitadas, na sua maioria toscas, cobertas de sapé, caiadas, terreas, sem fôrro nem assoalho, edificadas em ruas mal alinhadas, porém cercadas quasi todas de magnificos pomares, onde sobresahiam desenvolvidas larangeiras, de differentes qualidades, de modo a darem a impressão, que tive ao penetrar nelle, de que o arraial era edificado dentro duma floresta de larangeiras. E era isto no mez de Junho, epocha em que estas arvores estavam pejadas de fructos, com os seus ramos vergados ao peso delles, numa abundancia muito superior ao consumo, ou mesmo ao estrago, que pudesse fazer a população do arraial. Quando cheguei á casa, passava de sete horas da noite; e já de ha muito as trevas tinham envolvido o horisonte, pois era o tempo dos dias curtos, na expressiva linguagem dos sertanejos.

Fui pouco depois para a casa do Domiciano, que me aguardava com um excellente jantar. O velho negro me recebeu muito bem; e não fôra as condições do meio que se impõem, pela força das necessidades, ás mais resistentes energias, não se diria que nos achavamos no coração do sertão de Minas, quasi na fronteira do deserto e longinquo Goyaz, que então figurava nas lendas mineiras como o Ponto Euxino nas tradicções da antiga Roma.

A casa do Domiciano tinha sala de visitas e de jantar; eram ambas assoalhadas e caiadas, mas não tinham fôrro por causa do calôr que reina na zona, na maior parte do anno.

A mobilia era resumida e quasi primitiva, embora fosse a mais luxuosa de todo o arraial. Ella se compunha, na sala de visitas, de dois bancos compridos, de taboas lavradas, collocados ao longo das paredes e de uma duzia de tamboretes com assentos de couro, todos forrados de macias pelles curtidas de lontra, além de uma grande mesa, occupando a parede fronteira á porta da sala, forrada de baeta azul e onde se achava collocado sobre um prato de folha um grande candieiro tambem

de folha, com tres bicos, cheios de fios de algodão torcidos, embebidos de azeite de mamona e nos quaes periodicamente alguem atiçava com um espevitador de ferro, para tornar a luz menos amortecida.

Sobre a mesa via-se ainda um ensebado baralho de cartas, um taboleiro de jogo de damas e um surrado *Manual do Juiz de Paz*.

Nas paredes não havia ornatos, a não ser um velho deguerreo typo com o retrato dos paes de Domiciano e uma desbotada vista de Diamantina, quasi sumida, em cartão commum, onde se lia bem ainda o nome de «Veiga, photographo».

Viam-se mais umas espingardas de caça, penduradas em grossos tórnos de madeira, fincados na parede, um velho bacamarte de bocca de sino e facões de matto, do mesmo modo pendentes dos portaes, foices e varas de anzóes encostadas pelos cantos e umas grossas pedras burnidas pelas aguas do rio e servindo para conservar abertas as portas da sala.

O pequeno corredor, que communicava a sala de visitas com a de jantar e com o interior da casa, tinha em toda a sua extensão um banco de madeira, onde estavam escanchados sellotes, sellas a ginete e outros arreios e jaezes, com os competentes laços de vaqueiro, que para o sertanejo daquella zona são dellas um complemento imprescindivel.

A sala de jantar não era muito grande. Uma tosca mesa occupava seu centro, ladeada de dois bancos corridos, tambem de madeira e do mesmo tamanho da mesa. Nas paredes estavam fincadas candeias de ferro e cheias de azeite de mamona, de onde emergiam torcidas de fios de algodão, que derramavam pela sala uma luz amortecida e mysteriosa.

Alva toalha de algodão, estendida sobre e mesa, servia de fundo, onde negrejavam fumegantes panellas de barro e de pedra, das quaes emanavam aperitivos perfumes de differentes guisados e temperos que aguçavam o apettite, aliás já despertado pela demora da refeição. As iguarias das mesas sertane-

jas em Minas são quasi sempre as mesmas : alimentação frugal, porém sadia.

Durante a refeição e depois della, foi me informando o Domiciano da historia e das lendas dos logares por onde tinhamos andado. Elle era um precioso repertorio de tudo aquillo ; e contou-me, com grande lucidez e segurança de memoria, não só o que sabia de sciencia propria, isto é, o que vira e assistira, como o que aprendera na tradicção dos mais velhos da localidade, com os quaes havia convivido.

Disse que aquella zona que estende do rio S. Francisco aos confins de Goyaz, ao sul do rio Paracatú, havia sido descoberta e palmilhada pelo afamado garimpeiro Izidoro e seu rancho. Essa gente havia vindo da Demarcação Diamantina, fugindo da perseguição das autoridades do Tijuco e se homisiara naquelle sertão ignoto, onde tudo lhes era adverso e as necessidades faziam barreira quasi insuperavel, mas onde se achavam, ao menos, ao abrigo da maldade dos homens, mais ferozes do que os animaes, cujos esconderijos elles vinham devassar. Naquella epocha, isto é, mais ou menos em 1870, as margens dos rios daquella zona eram guardadas por florestas virgens, povoadas de reptis e de féras, que embargavam o passo ao aventureiro audaz que dellas tentasse se aproximar. Mesmo assim, garimpeiros destemidos, entregues absolutamente á sua sorte, sem armas, sem instrumentos de mineração, sem víveres, vinham foragidos ter áquellas paragens, colhendo das arvores os fructos, raizes ou folhas para se alimentarem, disputando aos animaes mais fracos, que encontravam, a partilha da vida a que se julgavam com direito, fugindo, pela astucia, á perseguição dos animaes mais fortes e revolvendo as areias dos cursos dagua que encontravam, á procura do metal reluzente ou da pedra brilhante, que povoavam sua imaginação de sonhos doces, atravez dos perigos e das agruras a que se expunham. Muitos succumbiram ignorados nessa lucta desigual, sem terem a quem transmittir adeuses e saudades para os en-

tes queridos e o resultado das descobertas que o seu esforço e sacrificios haviam conquistado.

De modo que, durante muitos annos a lucta se renovou para cada novo batalhador que alli se apresentava, sem que o esforço do que tombava aproveitasse ao que vinha depois. Alguns, porém, conseguiram voltar ao Tijuco e contar as suas aventuras e descobertas, induzindo outros a acompanhal-os áquelles sitios desertos; de modo que desde 1785 já se sabia da existencia das lavras diamantinas do Abaeté, Santo Antonio, Rio do Somno, Mandacurú e outras, cujos nomes lhes foram naturalmente dados pelos seus descobridores.

Para lá affluiram, aos milhares, garimpeiros, quilombolas, aventureiros de toda especie, que povoaram e deram vida áquellas quietas paragens; e de dia para dia crescia o rumor da riqueza que se suppunha existir nos rios que a Providencia escondera das vistas cupidas da Metropole, em beneficio dos que soffriam as injustas perseguições de suas truculentas autoridades.

Contava-me o Domiciano esses episodios historicos, usando de uma linguagem pittoresca, enthusiasmando-se e inflamando-se de orgulho nativista quando se referia a Isidoro, o afamado garimpeiro diamantinense e ao Dr. Couto, tambem filho de Diamantina, e que foi o orgam das reivindicações do povo quando em seu seio amadureceram as ideias liberaes.

Domiciano contou-me tambem diversas lendas que a imaginação popular creára e que se perpetuaram na denominação de alguns sitios daquella zona. O ribeirão do Frade, por exemplo, que verte para o Abaeté, assim se chama por causa de um frade anonymo que vivera entre a gente de Isidoro, do qual nunca se soubera o nome e que se suppunha ser o frei Rangel, de quem Isidoro fôra escravo. Este Frei Rangel foi, como já disse, despejado do Tijuco, depois de haverem sido sequestrados todos os seus bens, inclusive Isidoro e outros escravos seus, por suspeita de exercer elle o contrabando de diamantes. Diz-se que Isidoro, depois que se atirara á vida aven-

turosa de quilombola e de garimpeiro, encontrou uma vez seu antigo senhor, já velho, alquebrado de forças e vivendo na mais negra miseria.

Levou-o para Abaeté, onde o accommodou num sitio ameno, regado por aguas frescas e crystalinas, e onde o frade passou o resto de seus dias como anachoreta. Isidoro mandava frequentemente viveres para o velho frade, quando não ia pessoalmente vêl-o.

Aconteceu, porém, que de uma feita, sendo tenazmente perseguido pelas tropas de pedestres, Isidoro viu-se forçado a abandonar com sua gente, por algum tempo, aquella região, onde ficou o anachoreta, já invalido, incapaz de prover por si a sua subsistencia. Isso incommodava muito a Isidoro, o qual, logo que pôde illudir a vigilancia dos pedestres, foi ter á lapa onde alojara o velho frade, para vêl-o e confortal-o; porém, não o encontrou mais.

E o ribeirão, que era excessivamente rico de cascalhos diamantinos e de pepitas de ouro, tornou-se esteril e pobre, nunca mais se encontrou nelle nem um diamante *olho de mosquito* nem o mais ligeiro *polme de ouro*. Dizia povo que o frade, nos estertores da mais cruel agonia, cahiu no ribeirão, onde terminou seus dias, com os olhos fitos no céo e pedindo a Deus a remissão de seus peccados e o castigo de seus algozes, que faziam morrer daquella maneira, só, abandonado, sem leito, sem conforto e sem alimentos, um sacerdote, ministro de Christo na terra. Do logar em que seu corpo começou a decompor-se até ao Abaeté, aguas abaixo daquelle ribeirão, sumiram-se os diamantes e as pepitas de ouro!... Era o castigo que a Providencia mandára, ouvindo a supplica de seu servo. O desapparecimento mysterioso do anachoreta e a circumstancia de não se encontrarem mais cascalhos diamantinos naquelle ribeirão, ligaram a elle a lembrança do frade que habitara as suas margens, e que o povo nunca mais esqueceu, denominando-o *Ribeirão do Frade*.

Lendas mais ou menos adequadas ás denominações que

tinham me foram contadas a respeito do ribeirão da *Fortuna*, do *Sucuriú*, das *Contendas*, das *Marrecas*, das *Palmeiras*, do *Agua Fria* e das *Almas*; todas ellas, porém, sem maior interesse. Nas *Contendas* foram duas familias rivaes que encheram de crimes um decennio, balisaram de sepulchros e ennodoaram de sangue as duas margens do rio, terminando as luctas com o exterminio quasi completo das familias rivaes, que annos depois se fundiram, extinctos os odios, numa familia só, pelo enlace de um rapaz, filho de uma dellas, com uma mocinha, unico sobrevivente da outra e que ficara orphã e sem parente algum desde a mais tenra idade. Desse consorcio nasceu uma grande geração que povôa hoje o mesmo corrego das *Contendas*.

No *Sucuriú* era a lenda de uma gigantesca serpente, guarda implacavel dos thesouros existentes naquelle ribeirão, a qual fulminava com a morte e sepultava no seu ventre todo o aventureiro que tentasse tirar os diamantes e o ouro que a natureza escondera nas anfractuosidades dos rochedos que serviam de leito ao ribeirão ao qual ella déra o nome.

E como estas as demais lendas locaes.

Percorrendo commigo as antigas explorações diamantinas, das quaes se viam grandes vestigios nas margens do Santo Antonio e de seus affluentes, contou-me ainda o Domiciano muitos episodios alli occorridos, falando-me do tempo em que num só garimpo do rio do *Somno* havia mais de setecentos ranchos, abrigando mais de 2.500 garimpeiros. O corrego de *Agua Fria* tem, como indica seu nome, aguas frigidissimas, por artes de um espirito maligno que pretendeu assim afastar de suas margens os trabalhadores enviados pelo Governo, afim de conservar os seus thesouros em proveito dos garimpeiros, como refere a lenda. Esse corrego entra no *Santo Antonio* quasi em frente do arraial, que ficou por isso denominado *Santo Antonio de Agua Fria*.

Quando eram exploradas as ricas grupiaras das duas margens e estavam ellas cobertas de ranchos de garimpeiros, constituiam estas dois arraiaes fronteiros, que se distinguiam pela

denominação de «Europa» e «Brasil». «Europa» era o arraial da margem esquerda, que ficava proximo ao corrego de *Agua Fria*, e «Brasil» o do lado direito, cuja margem é mais quente. Hoje só existe o segundo e este mesmo em ruinas. Como a localidade é muito propicia ás fructas dos climas quentes, foram plantadas larangeiras em torno de todos os ranchos; e quando elles desappareceram ficaram os pomares, verdejantes e compactos, dando a impressão de uma floresta de larangeiras em cujo seio dorme o pequeno e decadente arraial que ainda existe.

O meu despertar na primeira manhã que passei em Santo Antonio deixou-me uma forte impressão. Acordei ao romper do dia, numa alvorada de gorgeios de milhares de passaros de todas as qualidades, que saudavam o sol das ramadas das larangeiras onde haviam pernoitado e onde encontravam alimentação fartissima. Tal era a revoada por elles feita que parecia o rumor de uma grande cidade; e, ao despertar do meu somno matutino, custou a accudir-me á consciencia de me achar num triste e decadente arraial.

Em quatro dias de permanencia, vi e estudei tudo que poderia, em *Santo Antonio*, interessar o fim da minha viagem. Examinados os terrenos, colhidas as amostras, percorridos os sitios que ali foram séde de mais activa mineração, em outros tempos, despedi-me e agradeci ao velho Domiciano e a seus filhos, que me ministraram as informações e acompanharam-me a vêr tudo que pudesse interessar. Sahindo do arraial de *Santo Antonio*, segui rio abaixo, pela margem direita, até tres kilometros de distancia, onde pude vadeal-o. As margens dos dois lados offerecem á vista grupiaras revolvidas e o leito do rio mostra a rocha que lhe serve de base, cheia de caldeirões em cujas bordas as brocas e as marretas dos mineiros antigos deixaram indelevelmente assignalada a sua passagem.

Pequenas ondulações que se encontram para noroeste separam o rio *Santo Antonio* do rio do *Somno*, a cujas aguas aquelle vai se unir, poucos kilometros abaixo do sitio onde o atravessei.

A 12 kilometros encontrei o rio do Somno, correndo silenciosamente atravez de serrados quietos, no meio de uma natureza morta, quasi para justificar a denominação do rio, que humedece aquellas terras.

O rio do *Somno* segue vagarosamente, espreguiçando-se em meandros successivos até despejar-se no rio Paracatú. Suas margens, têm apenas vestigios apagados da grande actividade que alli reinou outr'ora, quando aquellas aguas se deslizavam sobre cascalhos virgens, quasi á flôr do leito.

Deixando o rio do *Somno* e seguindo a mesma direcção que trazia, fui encontrar os contrafortes da Serra do *Andraquicé*, mais conhecida alli por serra da *Gallinha*, que separa as aguas daquelle rio das do *Cannabrava*, que tambem vai ter ao *Paracatú*, depois de se unir ao rio da *Catinga*. Atravessando seixos rolados sobre schistos, que formam a base desta serra, encontrei os quartzitos, quasi no divisor das aguas; segue-se depois um chapadão arenoso, coberto de serrados, onde apparecem pequenas veredas comburutizaes e de onde nascem as aguas tributarias do *Cannabrava*.

O arraial está nesse chapadão, na margem esquerda do rio, a 30 kilometros de suas nascentes e pouco mais de 60 kilometros de sua confluencia com o rio da Catinga. Esse arraial nasceu da exploração diamantina do rio *Cannabrava*, mas conserva-se prospero pela criação do gado feita nos seus arredores. Elle poderá ter cerca de duzentas casas, com uma população de 500 a 600 habitantes, cuja vida e cujos habitos eram em tudo iguaes aos de *Santo Antonio* e de outros arraiaes daquella zona sertaneja.

No arraial de Cannabrava existem poucos exploradores de diamantes, e foram incompletas as informações que pude colher sobre as antigas mineraçôes, que alli floresceram. O leito do rio e suas barrancas ou grupiaras, nas visinhanças do arraial, conservam vestigios da grande actividade que alli reinou, nos annos de 1842 e seguintes. Os cascalhos davam grande quantidade de diamantes, mas estes eram em geral miúdos

e de pouco valor. O mesmo succedia em Capão Redondo, Paredão e outros garimpos daquella zona, que existiram, mais ou menos, na mesma epocha que os de *Cannabrava*.

Tres dias de permanencia ahi fizeram-me conhecer tudo o que interessava ao objectivo de minha viagem.

Percorrendo o rio Cannabrava, em busca de amostras dos mineraes, tive occasião de examinar os caldeirões do rio e as excavações das grupiaras, de onde foram retirados os cascalhos depositados pelo tempo. Nas margens desse rio tive occasião de assistir a uma scena de costumes locaes que, a principio, trouxe certo sobresalto ao meu espirito: seguia o rio, por uma de suas margens, á procura de formações diamantinas, quando numa volta, em que elle corre um tanto encachoeirado para depois descançar, silencioso e espumante num grande poço em que suas aguas se alargam, vi em pé, nas rochas que dellas emergem, tres homens de tez amorenada, pouca barba, longos cabellos pretos e completamente nús, tendo sobre a cabeça largos chapéos de palha e que, armados de arco e flecha, acompanhavam com attenção o rapido movimento dos peixes que espadanavam as limpidas aguas do rio. Em certos momentos retezavam o arco e faziam com a flecha certeira pontaria, para fisgar o peixe, que era ferido pelo arpão que ella tinha numas das extremidades e colhido por meio de uma corda que a flecha trazia na outra.

O aspecto, a posição e o exercicio a que esses homens se entregavam fizeram-me suppôr que eram filhos das selvas; e delles me desviei e occultei.

Momentos depois reconheci que fallavam correctamente o portuguez e commentavam o successo da sua pescaria com a palavra alegre e cantada do caboclo sertanejo. Diriji-me a elles e colhi, na convivencia que com elles tive dahi em diante, muitas informações sobre o rio e seus affluentes, bem como sobre os habitos de vida, quasi primitiva, a que se entregava a população daquelle recanto semi-abandonado da longinqua comarca de Paracatú.

O affluente mais importante do *Cannabrava* é o ribeirão do *Cachorro*, cujos cascalhos foram mais ricos e mais intensamente explorados que os daquelle. Entretanto, das explorações do ribeirão do Cachorro não ficou nem uma povoação permanente; preferiram os sobreviventes dellas, que se entregaram á industria pastoril, as margens do Cannabrava, em cujas barrancas apparecem com abundancia, efflorescencias salitrosas, tão apreciadas pelo gado que, á custa de lambel-as, forma excavações denominadas *barreiros*, os quaes se tornam ás vezes verdadeiros tunneis onde não raro morrem bois ou vaccas que nelles passam ruminando as horas mais quentes da sésta.

Na casa de um daquelles caboclos, onde fui, á noite, para buscar umas pedras que me havia promettido, encontrei uma reunião de amigos seus, cujos costumes se resentem ainda da convivencia que as gerações passadas tiveram alli com os selvagens que primeiro habitaram aquellas paragens. A sala onde nos achavamos era terrea e não tinha fôrro no tecto; ao lado das paredes existiam bancos de madeira, onde se sentavam as pessoas de mais consideração.

Os outros, — homens, mulheres e creanças —, acocoravam-se em torno de uma fogueira, cujas labaredas oscillantes eram a unica illuminação alli existente. Todos tomaram parte na conversa geral e faziam commentarios dos successos locaes. A minha estadia no arraial foi tambem objecto de taes commentarios e eu lhes dei informações pelas quaes ardia a sua curiosidade.

A uma certa hora foi collocado sobre o brazeiro da fogueira um pequeno taxo de cobre, muito areiado, e despejaram nelle, para aquecer, algumas garrafas de cachaça, a que juntaram talhadas de laranja da terra e um grande pedaço de rapadura. Depois o taxo foi retirado do fogo para esfriar a beberagem que continha. Quando esse ponche estava mórno retiravam-no do taxo grandes cuias, de cujas bordas todos bebiam os góles que queriam, sendo a cuia passada de mão em mão, a começar pelas pessoas mais consideradas. Depois fize-

ram grandes cigarros de palha de milho, com fumo alli mesmo picado, e esses cigarros eram tambem passados aos circumstantes e cada um tirava algumas fumaças e passava ao visinho. Todos bebiam e fumavam na mesma promiscuidade; e isso era tido como o symbolo da amisade que ligava as pessoas ali reunidas. Tive eu tambem que me sujeitar a essas provas de amisade, muito embora a repugnancia que me causava principalmente o fumo.

E deixando alli os meus amigos, prosegui minha viagem na madrugada do dia seguinte.

O RIO SÃO LOURENÇO

Em relatorio apresentado ao governo deste Estado, o dr. Conrado Ericksen Filho, então secretario da Agricultura, cuja capacidade de trabalho, competencia e honestidade ficaram marcadas na administração de Matto Grosso, classificou o nosso regimen potamographico, na sua vertente platina, como cursos em periodo de formação.

Nada mais real, e nada mais de accordo com os phenomenos de levantamento que a cada trecho se observa de Cuyabá até Corumbá. Onde, porém, esse phenomeno maior attenção reclama é no rio São Lourenço, que positivamente deixou de ser um dos affluentes do Paraguay, para transformar-se em modesto contribuinte do rio Cuyabá, alterando assim radicalmente, nessa parte, todos os mappas do Estado de Matto Grosso.

Rio conhecidissimo, sob a designação de «Porrudos», nas primeiras explorações coloniaes; percorrido em época anterior ao seculo XVIII pelos jesuitas do Paraguay, nas suas